

pai, pai, de João Silvério Trevisan

Gustavo Primo*

*Mestre em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) Da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Tempo Presente e do Grupo de Pesquisa Comunica – Inscrições Linguísticas na Comunicação. E-mail: primo.gust@gmail.com.

Esta é uma resenha modesta e um tanto atrasada, pois se refere a um lançamento acontecido há dois anos, pelo selo editorial Alfaguara (2017). Mas também é uma resenha oportuna, porque os tempos destrutivos e opressores de agora no país fazem com que seja preciso ler João Silvério Trevisan, figura-chave na militância LGBT brasileira. Para quem, dos literatos, ainda não sabe, ele é autor de treze livros, dos quais destaco o importantíssimo ensaio *Devassos no Paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (4ª edição revista, ampliada e atualizada em 2018, pelo selo Objetiva).

Conforme relatou em várias entrevistas na época do lançamento do livro, João Silvério Trevisan começou o processo de escrita durante uma crise recorrente de depressão. Usou a própria escrita – que ensina para leigos e escritores em suas tradicionais oficinas – como ferramenta de auscultação e desentupimento da alma. Não sabia se seria um conto, um ensaio, ou algo maior. Quando terminou de escrever, entregou ao seu editor aquilo que viria a ser o primeiro livro de uma “Trilogia da Dor” (TREVISAN, 2017a, s/p).

O título faz referência direta ao famoso protesto de um Jesus frustrado com seu pai, enquanto padece na cruz que o tortura: “Pai, pai, por que me abandonaste?” (Mateus, 27, 46). Ao mesmo tempo, essa duplicidade nominal pode se referir ao pai que João teve-e-não-teve, e mais o pai que João criou na memória. Pai duplo, sua história acoplada à história de seu pai, um pai de si mesmo.

O narrador desse romance autobiográfico confunde-se com o próprio autor (confusão que está em voga na escrita literária desde há décadas, no Brasil e no mundo), e há, nessa vasta coleção de memórias, revisitações, fragmentos, um limiar constante entre ficção e realidade. Rememorar é sempre uma atividade que envolve a dimensão da criação. Ao rememorar, o narrador reinventa-se, e traz para nós, leitores, um mapa de como suas dores e traumas serviram de faísca para sua produção artística, literária e audiovisual.

Há inúmeros motivos para que a crítica especializada estude *Pai, Pai* com mais atenção. Como romance de formação, vemos um narrador já idoso recompondo suas memórias de vida em busca de entender a falta paterna e a má-formação de si, que de alguma maneira o fizeram sujeito no mundo.

O ponto de partida nessa enxurrada de memórias é aquele que conta a história de um menino e sua família, vivendo uma vida muito modesta na gerência do metonímico bar e padaria Brasil, adjunto à sua casinha, numa cidade do interior paulista. Interior mesmo: João Silvério cresceu com seu pai, mãe e irmãos no pequeno município de Ribeirão Bonito, que até hoje conta com uma população de pouco mais de dez mil habitantes.

A partir daí, temos a história da formação sentimental, artística e psicológica do narrador, guiada pela marcante ausência/presença de seu pai alcoólatra, chamado José. Pai e filho dividem o mesmo espaço, na casa que também é bar e padaria, mas há um abismo entre os dois, pela falta de comunicação e afeto. Há, ao mesmo tempo, um contraponto dado pela figura materna, Maria, sempre apresentada pelo narrador como uma fonte doce de inspiração – era ela quem lhe contava histórias e comprava livros, a prestação, na papelaria da cidade.

Por várias vezes, o narrador faz especulações de cunho psicanalítico, procurando tanto os motivos para a bruteza de seu pai, quanto algumas migalhas de afeto que nele poderiam existir: cita, por exemplo a ligação que o pai tinha com sua própria mãe, e a afeição por um certo amigo de juventude, Argeu. Os relatos de João Silvério se tecem também pelo diálogo com gente como sua irmã e outros parentes.

Ao longo do livro, cujo estilo se aproxima, muitas vezes, do discurso oral, de cunho confessional – acentuando a sensação de que somos analistas escutando o paciente –, o narrador recompõe a história de sua (não-)relação com o pai a partir de suas próprias memórias, desde a infância em Ribeirão Bonito, passando pela vida de seminarista em São Carlos, cidade vizinha, a vida adulta em São Paulo e em várias outras cidades do mundo, nas quais buscou abrigo para fugir da ditadura que assolava o país e ameaçava sua identidade transgressora, enquanto escritor, militante e homossexual.

O romance também pode interessar a quem estude aspectos de metaliteratura na contemporaneidade, porque há nele alta consciência da construção narrativa. Cito, por exemplo, os vários capítulos que explicam os processos criativos e editoriais envolvidos na escrita do livro, como o capítulo “Buscando os primórdios” (TREVISAN, 2017b, p. 10), que explica a escolha do título, ou os vários “Rastros por escrito”, que nos revelam segredos até mesmo de textos que nunca foram publicados pelo autor. Isso sem contar as inúmeras passagens em que o narrador menciona episódios de

sua vida que depois se tornaram cenas em seus contos, romances e roteiros, fazendo com que o livro possa ser lido como valioso documento para ser usado na crítica genética do autor. Alguns capítulos lembram exercícios de autoanálise ou mesmo de escrita criativa, relatos de sonhos, listas de coisas que João Silvério gostava e desgostava, etc.

O espaço do romance torna-se, também, lugar de resgate de textos que foram rejeitados ou não-publicados por vários motivos. Cito o curioso caso editorial do conto “Crianças”, que o autor, já adulto, submeteu para publicação na coletânea *Os 100 melhores contos brasileiros do século XX*, organizada por Ítalo Moriconi, e que foi rejeitado por ser muito cruel para ser lido nas escolas, sendo que foi baseado num dos episódios mais humilhantes da infância de João Silvério, em que, numa suposta armadilha, bebeu urina pensando que era guaraná, na frente do pai e seus clientes bêbados, que explodiram em gargalhada (*idem*, p. 56).

Mesmo que seja uma coleção das memórias individuais do autor, o romance é a história de muitos pais deste país, pois trata também do amargor daqueles homens que fracassaram em criar filhos em condições melhores que as suas (“o que vai surgir aqui não deve ser o retrato de um crápula, mas de um infeliz”, *idem*, p. 12). Mais além, da frustração paterna em não replicar homens apropriados para os moldes patriarcais e heterossexuais que regem, de maneira autoritária, a sociedade brasileira.

Do abismo entre pai e filho nessas condições, mais comuns do que o próprio autor imagina, vários exílios resultam. No caso do narrador, o primeiro foi na casa sem paternidade, sem identificação ou

diálogo com a figura paterna; depois disso, no seminário, em que João Silvério queria se matricular para fugir de casa, sem saber que ali lhe esperava um novo exílio de classe, de identidade, de sensibilidades. Outros exílios, além, quando João Silvério teve que passar sua vida em vários lugares do mundo, fugindo das violências da ditadura, e um último e maior exílio que o autor carrega em seu próprio corpo, para onde quer que vá, num sentimento de solidão incurável.

Nesse sentido, o autor oferece seu romance como um acerto de contas consigo mesmo. É uma missão que muitos indivíduos não heterossexuais, numa certa altura da vida, precisam cumprir. Especialmente nos dias de hoje, em que sempre entram em conflito aquilo que o pai quer conservar e aquilo que o filho precisa romper na tradição, para fazer sobreviver sua própria individualidade.

Referências

TREVISAN, João Silvério. *Escrever, sofrer, reconstruir*. Blog da Companhia. Website. 16 out 2017a. Disponível em: <
<http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Escrever-sofrer-reconstruir>
>. Acesso em: 19 fev 2019.

_____. *Pai, Pai*. Romance. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2017b. 253 p.